

PARA PENSAR A GEOGRAFIA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO: Diálogos com Eric Hobsbawm

André Santos da Rocha*

Resenha de: HOBBSAWM, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 182 pp.
Tradução do original em inglês: José Viegas.

No limiar do presente século, muitos questionamentos surgiram em torno das transformações econômicas, políticas e culturais que implicavam em um (re)ordenamento da geografia mundial. Após os anos de 1990, diante das mudanças na ordem geopolítica e geoeconômica na escala mundo, alguns autores chegaram a afirmar que passaríamos a viver em um mundo marcado pelo “fim da história” e pelo “fim dos territórios”, para retomar as expressões de Francis Fukuyama (1992) e de Bertrand Badie (1995).

De certo modo, muitos autores estavam inclinados a pensar, como Thomas Friedman, no “mundo como um plano” (2001), onde as vicissitudes do sistema financeiro mundial, apoiado no âmago do sistema capitalista de produção, seriam capazes de homogeneizar e suprimir as diferenças de cunho territorial. Tal “planificação” estabelecer-se-ia, sobretudo, via capitalismo mundializado sob hegemonia norte-americana.

Para o século XXI, são levantados alguns questionamentos sobre alguns elementos que poderiam caracterizar e produzir novas geografias para o mundo contemporâneo. Contudo, gostaríamos de perguntar: há uma perspectiva não-“simplificadora” das relações de poder que compõem a tessitura em escala mundial via “planificação”? De que maneira podemos fazer uma leitura geográfica do mundo contemporâneo neste início de século?

* Professor do Departamento de Geociências da UFRRJ. Laboratório de Geografia Política e Práticas Educativas (LAGEPPE/UFRRJ). E-mail: asrgeo@ufrj.br

É na tentativa de responder parte destes questionamentos que destacamos o livro *Globalização, Democracia e Terrorismo*, do historiador britânico Eric Hobsbawm. Falecido em 1º de outubro de 2012 aos noventa e cinco anos, foi reconhecido pela lucidez da interpretação marxista sobre as transformações da realidade. Entre seus principais livros podemos destacar a trilogia do “longo século XIX”: *Era das Revoluções (1789-1848)*, *Era do Capital (1848-1875)* e *Era dos Impérios (1875-1914)*. Além de escrever a *Era dos Extremos*, obra mais conhecida do autor no Brasil e que faz referência ao “breve século XX”, iniciado em 1914 na Primeira Grande Guerra e encerrado com o fim do Socialismo Real em 1991. É oportuno destacar que ambos os fatos que delimitam tal século são atravessados por questões territoriais. De um lado, as motivações da Primeira Guerra Mundial, ligadas claramente à rivalidade por territórios e à ascensão de novas identidades. De outro, na dissolução da União Soviética, que se debruçava ao mesmo tempo sobre a hegemonia e a contenção de conflitos territoriais no Leste Europeu e na disputa de influências regionais pelo mundo.

O livro aqui resenhado foi publicado em português em 2007 e é composto por um conjunto de dez textos escritos e apresentados em diferentes partes do mundo, sobretudo em ocasiões de recebimento de títulos de *Doutor honoris causa*, participação em conferências, seminários temáticos e contribuições para jornais como o *Le Monde Diplomatique* entre 2001 e 2006. São reflexões de Hobsbawm a partir da análise da conjuntura que forjou o “breve século XX”, vislumbrando as transformações ocorridas e indicando pistas para pensarmos os elementos constitutivos deste novo período. Tais elementos possuem grande correlação com uma análise geográfica do mundo.

No prefácio, Eric Hobsbawm levanta uma indagação: “qual é a melhor maneira de refletir sobre essa ‘era dos extremos’ e imaginar as perspectivas da nova era que surge a partir da antiga”? (p. 9, grifo nosso). O autor induz a pensarmos como a “era dos extremos”, que caracterizou o século XX, pôde, de alguma forma, contribuir com a construção social, política e econômica do século XXI. Esse questionamento insinua

que o século XX deve ser tomado como eixo de referência na constituição do mundo atual.

Nos diferentes momentos de seus dez capítulos, Hobsbawm enfatiza que o século XX foi tão extremo que o classifica como “o mais extraordinário da história da humanidade”. Esse adjetivo se justifica por este período ter sido recheado por crises econômicas e momentos de glória e crescimento; mudanças nas relações hegemônicas com a ascensão do poderio bélico e econômico norte-americano; construção de uma era de catástrofes onde a guerra é um elemento primaz das relações de poder; grandes inovações oriundas dos avanços tecnológicos; aumento da velocidade impressa pelo progresso técnico; novas dimensões da urbanização e da industrialização; e o processo de globalização em curso.

Destarte, frisamos que as questões geográficas são tão importantes no contexto da obra de Hobsbawm que os elementos delimitadores de sua periodização para o século XX são, como já apontamos, aqueles que envolvem as grandes questões de cunho territorial e hegemônico sobre a ordem global e a constituição de áreas de influência e dominação. Logo, indicamos aqui a forte relação entre a ordem espacial e a construção geopolítica e geoeconômica do mundo atual.

É na tentativa de interpretar o século vigente que os três primeiros capítulos do livro iniciam com uma análise sobre temas como guerra, paz e hegemonia nos séculos XX e XXI, comparando o contexto atual da hegemonia norte-americana com aquela exercida pelos britânicos e enfatizando mudanças nos contextos cultural e econômico destes dois “impérios”.

No decorrer desses capítulos, o autor destaca que este período de catástrofes, marcado por mudanças no ciclo hegemônico, delinearam para o século XXI a guerra como uma forma de reprodução sociopolítica. Ao mesmo tempo em que a guerra se tornou uma indústria, capaz de legitimar uma unipolaridade norte-americana, ela serve para constituir uma “ditadura da democracia”, na medida em que o termo “guerra justa” é evocado das mais diversas maneiras, minando a soberania de Estados mais frágeis diante do belicismo norte-americano.

No compasso da disseminação de um período de “guerras totais”, o terrorismo global surge, ao mesmo tempo, como um trunfo para a ampla disseminação da guerra global e para demonstrar as perspectivas de resistências, revelando certas fragilidades da potência beligerante. Fragilidades que são sentidas também no surgimento de crises econômicas e na emergência de outros centros capitalistas de poder, contextualizados no avançar de uma ordem em que os fluxos de capitais se tornam, como diria o geógrafo Milton Santos (2007), o “motor único” de mobilização — na constituição de fluxos hegemônicos, acrescentaríamos. Entretanto, a perspectiva norte-americana depositou na guerra ao terrorismo suas principais “fichas” na tentativa de legitimar sua hegemonia global.

Eric Hobsbawm argumenta, nos capítulos oito e nove — “O terror” e “Ordem pública em uma era de violência” —, que o terrorismo não é um dado novo. Contudo, o autor reconhece que tal fenômeno revela-se de outra forma — sobretudo no atual modelo de organização e na capacidade de destruição pautada no desenvolvimento da tecnologia que pôde, facilmente, ser aplicado à guerra. Todavia, gostaríamos de salientar um aspecto sobre o terrorismo pouco explorado pelo autor mas de forte dimensão geográfica, que reside em sua forma de *organização espacial em rede*.

A organização em rede se constitui pela presença fugaz que impede o combate ostensivo a diferentes organizações criminosas. Esta forma de presença fugaz ocorre pela apropriação da tecnologia, que permite estabelecer conexões com diferentes pontos do planeta e alicerçar ligações entre diferentes grupos. O combate ao terrorismo tornou-se “a nova coqueluche” nas geometrias de poder global, que serviu de pressuposto para imposição de um ideal de democracia à moda hegemônica estadunidense.

Neste mesmo tom, a idéia de *democracia* na contemporaneidade é transversalmente apresentada em todos os dez capítulos, com destaque para o seis e o sete, intitulados “As perspectivas da democracia” e “A disseminação da democracia”. Para o autor, a noção de *democracia* é colocada em xeque num mundo onde a reprodução do medo e os respeito às diferenças são postos de lado. Os termos *democracia* e *justiça* não servem como elementos analíticos, pois acabaram encontrando no lugar comum o

tom de juízo de valor, sobretudo nos valores ocidentais amparados em concepções liberais. Outrossim, não podemos ignorar que esses termos também precisam ser repensados no contexto de uma política socialista de Estado.

Contudo, é no atual contexto de hegemonia norte-americano que a *democracia* e a *justiça* transformam-se em ideologias *territoriais*, legitimando perversidades. Apenas para ilustrar, David Harvey aponta que os Estados Unidos “foram concebidos como um farol de liberdade dotado do poder exclusivo de engajar o resto do mundo numa civilização duradoura caracterizada pela paz e pela prosperidade” (HARVEY, 2009: 53). O processo de descolonização da África evidenciou o declínio do poder britânico e mostrou a face mais cruel do imperialismo europeu, o que permitiu que os Estados Unidos se apresentasse como uma espécie de “*bastião da paz*”.

Hobsbawm lembra que as invasões norte-americanas no Afeganistão em 2001 e no Iraque em 2003 foram uma tentativa de “livrar esses países de governos não democráticos”. Contudo, essas mesmas noções foram abandonadas nos pleitos internacionais quando da desobediência norte-americana na invasão do Iraque e, principalmente, na forma coercitiva e violenta que provocou o massacre de civis. Neste sentido, cabe perguntar: *que tipo de democracia é esta?* Trata-se de uma ordem democrática que incorpora uma voz “politizada” e que torna deliberada a criminalização da vida pública, conforme destaca no capítulo “A ordem pública em ma era de violência”. A retórica do medo toma conta de diferentes escalas — da cidade ao mundo —, onde as ações repressoras e violentas se fundamentam no quadro de instituição de justiça e democracia comuns, constituindo diferentes territórios que são delimitados por ações repressoras e por meio da classificação de áreas perigosas.

Assim, é mister sublinhar o exercício do *biopoder*, onde se propõe o controle da vida e de seu modo de reprodução, algo que possui seus fundamentos, como diria Giorgio Agamben (AGAMBEN, 2004), num *Estado de Exceção*, que se tornou permanente e que delibera um controle parcial e, muitas vezes, total, sobre a circulação de informação, pessoas e formas de pensamento. O autor exemplifica a questão mostrando como esse modelo modificou o tratamento de problemas internos em alguns países. Por exemplo: no Reino Unido, entre 1950 e 1980, o combate ao IRA era

tratado como um caso de polícia e, após 1990, passou a ser incorporado à pauta da defesa nacional, fortalecendo ainda mais o debate sobre a questão territorial.

Demandas sobre a questão territorial são analisadas no capítulo cinco, “As Nações e o nacionalismos no novo século”. O autor argumenta que o fim do duopólio das superpotências hegemônicas da Guerra Fria e as transformações promovidas pela globalização foram fundamentais para trazerem à tona as questões que envolvem nações e nacionalismo — e, adicionaríamos, novos “territorialismos”.

Embora destaque em sua obra a globalização como um elemento chave, o autor não está preocupado em definir este processo, mas em apresentar de que forma ele influencia as questões que envolvem litígios territoriais para este período, destacando principalmente que os efeitos da globalização sobre as migrações humanas têm impulsionado conflitos e transformações de ordem econômica e cultural.

As facilidades de deslocamento proporcionam uma “enxurrada cultural” que a perspectiva identitária de muitos países não suporta. Esse mesmo processo de globalização “trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais no interior das nações” (p. 11), produzindo ainda mais as diferenças regionais na escala mundo e impulsionando fluxos migratórios no sentido “sul-norte”, de modo que países da União Europeia e dos Estados Unidos se vêem “invadidos” por seus novos habitantes.

Ao mesmo tempo em que se cria uma economia da migração — vide alguns países da América Central que têm grande parte de seu Produto Interno Bruto (PIB) ligado às remessas de divisas por trabalhadores em todo o Mundo —, a mobilidade reacende as questões referentes à identidade cultural e ao nacionalismo, principalmente na Europa. Tais questões ainda estão mal resolvidas, uma vez que, além de ter sido um dos fatores motivadores da Primeira Guerra Mundial, ela perpassa as atuais tensões separatistas em diversos países.

Assim, as acelerações das migrações internacionais colocam uma nova questão: como dividir o território com os novos habitantes que se re-territorializam, delimitando suas áreas de vivência, sobretudo, em áreas segregadas como nos bairros porto-riquenhos e latinos em Miami, nos bairros indianos em Londres e nas famosas *Chinatowns*

espalhadas por diversos países do mundo? O crescimento da xenofobia acaba por se apresentar como elemento atrelado a essas demandas, em que o racismo e as ações agressivas tomam conta das ruas de diferentes cidades no mundo. A xenofobia reverbera, também, na ascensão de partidos de extrema direita e nas políticas migratórias de muitos países.

Este caso nos fez perceber o quanto a análise geográfica da constituição de territórios e de lugares permite um olhar mais apurado a respeito dos aspectos relacionados aos nacionalismos e às identidades culturais, bem como aos conflitos deles resultantes. Embora Hobsbawm destaque apenas o caso europeu, tais conflitos também ocorrem na América Latina — vide os “brasiguaios” no Paraguai, assim como os bolivianos e os haitianos no Brasil.

Ao exemplificar o debate que envolve globalização, identidade e xenofobia, partindo dos “Mega-clubes” ou “Super-Clubes” de futebol Hobsbawm explica como a identificação nacional torna-se confusa em um mundo globalizado, mundo que é “confusamente percebido” (SANTOS, 2007) e enfrenta um antagonismo entre a valorização da cultura local e uma lógica homogeneizadora de cunho global.

Para Hobsbawm, o futebol tornou-se um “complexo industrial de categoria mundial” (p. 92) que revela as dicotomias entre o local e global. Seria o exemplo do Barcelona o fundamento de uma identidade catalã ou um produto global, tendo em vista que muito de seus jogadores são oriundos de diferentes partes do mundo? Ao passo que o futebol revela parte da crise de identidade nesta conjuntura — as ações de cunho xenofóbico ocorrem tanto nos conflitos entre torcidas e jogadores quanto nas políticas que impedem a contratação de jogadores estrangeiros —, ele serve como mais um exemplo para pensar os embates identitários neste período.

A leitura que faz da superioridade dos Estados Unidos não permite estipular longas ou curtas durações, sua sobrevivência enquanto ator hegemônico (Vide capítulos quatro e dez). Tentar prever a duração e o desenrolar histórico deste período hegemônico cairia em descrédito. O autor fundamenta-se numa análise histórica, destacando, nesses capítulos, que todos os “Impérios” encontraram, mais cedo ou mais tarde, seu fim. O século XX foi testemunha do fim de muitos deles. Desse modo, necessitamos pensar

que a constituição de uma hegemonia global apresenta-se em um ciclo que envolve questões para além de um *Hard Power*.

Temáticas sobre a ordem hegemônica global, a crise das identidades nacionais e seus conflitos, as questões que envolvem as seguranças dos Estados e as políticas de guerras, as demandas que transversalizam ideais de democracia e justiça: tudo isso faz de *Globalização, Democracia e Terrorismo* um conjunto importante para pensar o século XXI e suas transformações. Ele grifa como são vivas as geografias e as histórias que não se findaram após os anos de 1990 como queriam Badie e Fukuyama. Tampouco o mundo apresenta-se como “um plano”. Contraditoriamente, o mundo atual é forjado por intensas questões sociais e territoriais, levantadas nos séculos passados e ainda hoje urgentes.

Assim, a leitura do livro é um convite para aqueles que se interessam por um olhar amplo sobre as questões que compõem o cenário do mundo atual sem deixar a simplificação tomar conta de suas análises. Pensamos também que é oportuno o olhar do geógrafo, a análise espacial do mundo, uma vez que os elementos principais que envolvem as temáticas sobre hegemonia, soberania, direitos, democracia e identidades passam necessariamente pelas dimensões territoriais.

Enfim, pensamos que, sem perceber, Hobsbawm fazia de sua história para os séculos XX e XXI uma grande aula de Geografia do Mundo Contemporâneo.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BADIE, Bertran. *La fin des territories*. Paris : Fayard, 1995

FRIEDMAN, Thomas. *O mundo é plano*. Uma Breve história do século XXI. São Paulo: Objetiva, 2001.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. 3ªed. São Paulo: Loyola, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 182 pp.

SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2007.